

LINGUASAGEM

SEMÂNTICA E ESTUDOS ENUNCIATIVOS¹

Entrevista com Luiz Francisco Dias²

RESUMO

Nesta entrevista, o professor e pesquisador Luiz Francisco Dias, cofundador e coordenador nos biênios (2018-2020 e 2021-2023) do Grupo de Trabalho (GT) *Semântica e Estudos Enunciativos* da *Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística* (ANPOLL), nos apresenta um panorama das pesquisas realizadas pelos membros deste GT e das contribuições de suas pesquisas para os estudos semânticos e enunciativos no Brasil. Também nos dá uma amostra das questões que têm conduzido suas pesquisas, relativas à descrição de fenômenos gramaticais complexos descritos a partir do prisma enunciativo, ou mais precisamente da Semântica da Enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Semântica; Ensino de Língua.

ABSTRACT

In this interview, professor and researcher Luiz Francisco Dias, co-founder and coordinator in the biennium (2018-2020 and 2021-2023) of the Working Group (WG) *Semantics and Enunciative Studies* of the *National Association for Research in Languages and Linguistics* (ANPOLL), presents us with an overview of the research carried out by the members of this WG and the contributions of their research to semantic and enunciative studies in Brazil. It also gives us a sample of the questions that have led to his research, related to the description of complex grammatical phenomena described from the enunciative prism, or more precisely from the Semantics of Enunciation.

KEYWORDS: Enunciation; Semantics; Language Teaching.

¹ Entrevista concedida no dia realizada em abril de 2024, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Amanda Perlotti, Bruna Gargarella Peres e Moisés Almada Melo de Paiva, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi fundador e é coordenador do Núcleo de Estudos da Enunciação (ENUNCIAR) e do GT de Semântica e Estudos Enunciativos da ANPOLL. Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e com pós-doutorado pela Universidad de Buenos Aires, Argentina. (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: luiz.francisco@uol.com.br.

A enunciação nos estudos linguísticos no Brasil

Entrevistadores(as): O professor é referência no campo de estudos enunciativos no Brasil. Como se deu sua inserção na área dos estudos linguísticos e o que o fez se dedicar à Enunciação mais especificamente?

Luiz Francisco Dias: Graduei-me na Universidade de Viçosa, em Minas Gerais, em 1985. Durante a graduação, o professor Marco Antônio Rodrigues Vieira convidou o professor Haquira Osakabe, docente na Unicamp, que acabara de defender sua tese de Doutorado e publicado o livro *Argumentação e Discurso Político*, para nos falar de argumentação, o que naquela ocasião me chamou muito a atenção. Este mesmo professor também nos apresentou ao livro *Argumentação e Linguagem*, da professora Ingedore Koch, também docente na Unicamp, publicação que também lançava luz sobre aspectos relativos à enunciação, principalmente no que diz respeito ao funcionamento dos dêiticos e de suas diferenças em relação aos demais vocábulos da língua. Logo que concluí minha graduação, em 1985, fiz o concurso para ingresso como docente na Universidade Federal da Paraíba. Decidi em seguida fazer a minha Pós-graduação na Unicamp, nessa área, e ingressei sob a orientação do professor Eduardo Guimarães, de quem eu conhecia parte dos trabalhos na área de Enunciação. Foi quando então tive contato com a História das Ideias Linguísticas.

Desde então, estabeleci uma conjunção desses dois campos na minha formação. A História das Ideias Linguísticas tem uma forma específica de ver a linguagem na sociedade. A partir dela, desenvolvi um trabalho de análise do conceito de *língua*, de língua brasileira tal como ela foi concebida entre os anos 30 e 40 no Brasil. Constituí um *corpus* típico para o desenvolvimento de trabalhos na área de História das Ideias Linguísticas, e que se difere da História da Linguística, porque não trata da história das teorias linguísticas, mas de como a sociedade ou os grupos sociais concebem a língua a seu modo em um determinado momento. No meu caso, eu me dediquei a analisar o que os parlamentares brasileiros daquela época, na primeira metade do século XX, concebiam como *língua*, tendo em vista o projeto de lei, dos anos 30, que propunha a alteração do nome de nossa língua, que passaria de *Língua Portuguesa* para *Língua Brasileira*.

Não fosse a instalação da ditadura varguista e o fechamento do Congresso, é muito provável que essa mudança tivesse se dado de fato, porque esse processo estava bastante avançado naquela legislatura. Havia uma clara percepção e um certo consenso junto à

sociedade de que o modo como falávamos no Brasil era diferente do modo como se falava em Portugal.

Essa discussão, para a Semântica da Enunciação, não se baseia ou se restringe às diferenças ou semelhanças das formas linguísticas. Para alguns, nesse debate, não era suficiente considerar as diferenças ou semelhanças entre as formas da língua para que pudéssemos considerar a existência de duas línguas diferentes. Para outros, isso era suficiente, era da ordem da evidência. Não podemos perder de vista que a língua é constituída também da relação política, histórica, cultural que os sujeitos, que os brasileiros neste caso, estabelecem com sua língua. É dessa relação que se ocupa o semanticista da enunciação. Em diálogo com essa perspectiva, minha pergunta na tese de Doutorado³ visava distinguir o que era a Língua Brasileira do que era a Língua Portuguesa na concepção desses sujeitos, naquele período, naquilo que enunciaram a seu respeito, nos argumentos que empregaram em defesa dessa distinção.

A teoria que adotei para desenvolver essa análise foi a da Enunciação. O *corpus* que constituí e a análise que fiz neste trabalho derivaram na primeira tese de Doutorado dedicada a esta época específica, e construída a partir de uma abordagem enunciativa. Quando finalizei meu Doutorado e retornei para meu posto de professor na Universidade Federal da Paraíba, meu objetivo de pesquisa passou a ser o de refletir sobre a gramática da Língua Portuguesa a partir da Semântica da Enunciação.

Sendo professor de Sintaxe, de Morfologia, estudando as classes de palavras, comecei a observar que era possível lançar um olhar interessante sobre questões sintáticas a partir da perspectiva da Semântica da Enunciação. Essa abordagem eu já havia adotado na tese, ao observar a articulação entre os termos *brasileira e língua*, e entre os termos *português e língua*, ou seja, de um adjetivo com um substantivo, e como essa articulação se configurava e significava. Nesse meu trabalho de tese, a análise dessas relações em certa medida se diferenciou da abordagem adotada pelo professor Eduardo Guimarães, não no sentido de divergir, mas de tratar de algo específico. Meu trabalho caminhou mais no sentido de buscar explicar aspectos relativos às *formas linguísticas*, e seu papel gramatical, a partir das contribuições da Semântica da Enunciação. Eu me dediquei, portanto, a um trabalho com o enunciado em si, e não com o texto, tal como fazia Guimarães, mas em uma mesma perspectiva da significação, a de que ela se constitui socialmente. Ainda que o enunciado, na sua manifestação locucional, seja de ordem

³ Cf. Dias (1995). Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/97464>.

individual, a matéria prima do enunciado é social. Essa perspectiva estabelece uma diferença fundamental na análise linguística, entre os Estudos da Enunciação e a Pragmática, por exemplo.

Entrevistadores(as): O professor enfatizou essa característica da perspectiva enunciativa segundo a qual a língua é analisada em sua dimensão social, a partir de seus usos e sentidos derivados de sua apropriação pelos sujeitos em sociedade. Em que medida essa abordagem se diferencia daquela adotada por perspectivas mais formais?

Luiz Francisco Dias: É preciso considerar que há diferenças de perspectiva no amplo conjunto de estudos, de perspectivas teóricas dedicados à significação. Para ficarmos apenas com esse exemplo de comparação, e não entrarmos por exemplo na diferenciação da teoria que adoto com aquela assumida pela Pragmática e por tantas outras perspectivas, o estudo da língua e de sua significação é assumido pela Semântica da Enunciação de modo bem distinto daquele adotado pela Semântica Formal.

A Semântica Formal tem como preocupação explicar como se assenta a significação com base propriamente na consideração das formas linguísticas. Tem como compromisso refletir sobre essa dimensão formal e depreender dessas formas sua significação segundo um ponto de vista lógico. A Semântica Formal vai tratar a significação como resultante da articulação entre unidades formais da língua que se organizam em sentenças, cuja significação é estruturada segundo padrões lógicos, de condições de verdade ou de falsidade do que é enunciado.

Para a Semântica Formal importa discutir em que condições uma sentença pode ser considerada verdadeira. Então, uma sentença será verdadeira se algumas condições (formais, lógicas) forem satisfeitas. Se uma dessas condições falhar, apenas uma, então a sentença será considerada falsa. A resposta para a significação de uma sentença, segundo a Semântica Formal, não se encontra no mundo, mas instalada na forma dessa sentença. Do ponto de vista linguístico, da análise das formas internas da estrutura da língua, a Semântica Formal tem contribuições muito importantes. No entanto, do ponto de vista social, essa perspectiva não se ocupa da compreensão e explicação da linguagem quanto a seu funcionamento e impacto sociais no mundo, do modo como a significação deriva de seus usos sociais e interfere nesses usos. Essa perspectiva não tem a pretensão de explicar o funcionamento social da língua. Isso é algo bastante bem assentado para os estudiosos em Semântica Formal. A pretensão linguístico-científica desses pesquisadores

é a de justamente estabelecer as condições de estruturação das formas da língua das quais derivam sua significação.

A Semântica da Enunciação, entretanto, ao invés de se deter no conhecimento da forma linguística, busca melhor depreender a significação da linguagem em seu funcionamento social, histórico, cultural e, portanto, político. Essa dimensão política é concebida nesta perspectiva como aquela própria das relações de conflito que emergem socialmente e dos meios de resolução desse conflito. A sociedade é um lugar de tensão, de reivindicação de *posições sujeito* distintas, e é isso que orienta as formas de uma língua em uso a se constituírem de uma maneira ou de outra, e não uma lógica inerente à organização de sua estruturação. A Semântica da Enunciação busca, assim, observar como a sociedade possibilita ou interdita as formas de uma língua em suas relações, em seus usos, enfim, em sua significação. Das várias perspectivas dos estudos linguísticos consagradas à significação, a Semântica da Enunciação em sua abordagem social da língua se aproxima da Análise do Discurso, sabidamente dedicada à análise do que enunciam os sujeitos levando em conta aspectos do funcionamento social que norteiam esses usos. Essa abordagem não é assumida por semanticistas formais ou cognitivistas.

Entrevistadores(as): Poderia nos fornecer um exemplo desses modos distintos de abordar o que em tese seria um mesmo fenômeno linguístico, aquele assumido pelos semanticistas formais e aquele assumido pelo professor e demais pesquisadores da área de Semântica da Enunciação?

Luiz Francisco Dias: Certamente. Se selecionarmos a palavra *matador*, por exemplo, observaremos que essa forma *-dor* se instala no verbo *matar* para dizer que se mata repetidas vezes. Mas se observarmos o funcionamento social, podemos constatar que há um grupo social para o qual exercer essa atividade de matar repetidas vezes não implica ser designado com essa mesma forma *matador*. É o caso dos soldados, dos militares. A questão que se coloca para um semanticista da enunciação é justamente a de observar porque isso ocorre, porque a sociedade possibilita ou interdita certas relações entre certas formas, o seu emprego e a sua significação. A relação entre as formas linguísticas *matar* e *-dor*, da qual derivaria seu sentido, não é automática do ponto de vista ideológico. Ela é concebida tendo em vista uma perspectiva social que define sobre quem se aplica a relação entre essas formas e o sentido que nessa relação adquirem. Um cidadão comum que tira a vida de outros é matador. A sociedade permite que essas duas formas, *matar* e

-dor, se acoplem e assim se designe algo. Ao policial, assim como ao soldado em serviço, na legitimidade que o Estado e a sociedade lhes outorgam – e aqui não estamos nos referindo ao policial que se excede em seu serviço – é permitido que tirem a vida de outros, e que o façam repetidas vezes ao longo de sua carreira, sem que com isso lhe apliquemos essas formas *matar* e *-dor*, de *matador*.

E o mesmo ocorre em relação a várias formas linguísticas. No caso do emprego da forma linguística *felizmente* em uma sentença como *Felizmente, Pedro saiu*, a articulação interna entre as formas *feliz* e *-mente* na formação de um advérbio e em sua função semântica nessa sentença não designa, como seria de se esperar, o modo como *Pedro saiu*, mas antes o desejo, o alívio, a sensação de quem enuncia a saída de Pedro. Isso é bem diferente de uma sentença formada com o mesmo princípio gramatical, com articulação de formas linguísticas semelhantes e sintaticamente dispostas como no exemplo anterior, se observarmos a sentença *Apressadamente, Pedro saiu*. Neste caso, a articulação entre as formas *apressado* e *-mente* explicam o modo como *Pedro saiu*, e não o estado, a avaliação, o sentimento do enunciador que descreveu a saída de Pedro. Estes são exemplos que mostram que a relação entre as formas precisa ser concebida na relação do sujeito com a língua e na relação do sujeito com a sociedade.

Entrevistadores(as): O professor com este seu exemplo demonstra como os afixos não funcionam de forma necessariamente lógica. Este é o caso, por exemplo, da palavra *desinfeliz*, que do ponto de vista da lógica da língua deveria remeter a alguém que deixou de ser infeliz. No entanto, na sua significação corrente esse afixo funciona como um enfatizador.

Luiz Francisco Dias: Sim, exatamente. A lógica encontraria seu limite de explicação para casos como este que vocês mencionaram. Assim teríamos de buscar a explicação para esse fenômeno levando em consideração o funcionamento social, isto é, como grupos sociais se colocam na relação entre a língua e o seu meio para configurar o funcionamento da língua.

Entrevistadores(as): Sua atuação como professor e pesquisador, sua produção intelectual, sua contribuição na formação de pesquisadores foram decisivos para a constituição do campo de estudos enunciativos no Brasil. Entre outras funções, o professor participou da criação do Grupo de Trabalho (GT) *Semântica e Estudos*

Enunciativos da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), além de ter atuado como seu coordenador. Como se formou este GT e que contribuições sua formação trouxe para a área?

Luiz Francisco Dias: Há alguns anos, em um evento da área, conversando com alguns colegas pesquisadores e participantes de outros GTs da ANPOLL, tratamos da importância e viabilidade de criarmos um grupo de trabalho específico, dedicado às teorias da enunciação. Entre os colegas pesquisadores, os professores Valdir Flores e Eduardo Guimarães encamparam a ideia de que precisávamos ocupar esse espaço institucional, que se diferenciava daquele GT de *Teoria da Gramática* de que participávamos até então, e no qual a Semântica Formal encontrava bastante espaço, não havendo por parte desses semanticistas interesse em constituir um grupo específico de Semântica.

Em 2018, decidimos criar o GT de Semântica, do qual parte viria a ser composta de semanticistas que trabalhavam em uma perspectiva enunciativa, como era o meu caso. Os colegas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), juntamente com Valdir Flores, não responderam positivamente a este convite, pois não se viam propriamente como semanticistas, já que desenvolviam uma abordagem enunciativa derivada dos trabalhos de Émile Benveniste. Benveniste nunca afirmou trabalhar com semântica, ao contrário do que normalmente se acredita. Valdir Flores afirmou trabalhar com Antropologia Linguística, a partir da perspectiva de Benveniste. Parte de nós se via satisfeito em chamar de Semântica aquilo que fazíamos e que dizia respeito ao estudo da significação. Outros, no entanto, não se viam no mesmo grupo daqueles que trabalhavam com a Enunciação. Então, o professor Valdir Flores sugeriu o nome *Semântica e Estudos Enunciativos*, até porque não tínhamos a presunção de abarcar todas as áreas da Semântica, em todas as suas frentes e perspectivas, no quadro dos estudos da Enunciação. Assim, esta solução prevaleceu e criamos nesta época o grupo *Semântica e Estudos Enunciativos*.

A partir da criação do GT, convidamos pesquisadores e estabelecemos quatro linhas de pesquisa que representassem os interesses em comum de todos nós colegas pesquisadores que nos imbuímos nessa criação. A primeira linha foi dedicada à *Semântica da Enunciação*, perspectiva de estudo conduzida pelo professor Eduardo Guimarães. Outra linha foi destinada aos pesquisadores que trabalham na perspectiva proposta por Oswald Ducrot e que estudam a Enunciação na sua relação com a Argumentação. A

terceira linha de pesquisa compreendeu os pesquisadores que trabalham na perspectiva de Antoine Culioli, também dedicado ao estudo da língua em uma perspectiva enunciativa. A quarta linha de pesquisa, por fim, é aquela dos pesquisadores que trabalham mais próximos da obra de Émile Benveniste e Charles Bally, na interface com a Antropologia Linguística.

Dessa forma, diferentes pesquisadores, a partir de distintas abordagens de fenômenos semântico-enunciativos, se reuniram para produzir conhecimento, seja sobre a Semântica seja sobre outras questões do funcionamento da linguagem. Reunimos essas diferentes tendências do campo e o grupo nasceu grande, com 27 membros iniciais e mais 10 que passaram a integrar o grupo posteriormente. Fui o primeiro coordenador deste GT e permaneci na função por quatro anos, antes de passar a tarefa para o Prof. Albano Dalla Pria, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

Entrevistadores(as): De que forma pode ser mensurado o ganho científico da reunião de pesquisadores com diferentes formações e interesses de pesquisa, que se aproximam por estudarem fenômenos relativos à gramática da língua e à produção da significação derivada de seus usos sociais, ou seja, que contribuições o professor considera serem as mais relevantes deste GT para os estudos linguísticos?

Luiz Francisco Dias: Uma das contribuições resultante de nossos encontros e discussões, e que assenta melhor as diferenças e semelhanças de nossos interesses de pesquisa, especialmente para quem é de fora ou está iniciando seus estudos nessa área específica, é a publicação coletiva que realizamos de um dossiê especial na revista *Línguas e instrumentos linguísticos* dedicada à metodologia de pesquisa, de produção e de análise de dados, segundo a perspectiva enunciativa⁴. Os artigos que compõem esse dossiê resultaram de nossa participação no *Encontro Nacional da ANPOLL (ENANPOLL)* realizado em 2020, em plena pandemia, de modo remoto. Para este evento, constituímos uma mesa redonda com as quatro lideranças das linhas de pesquisa do GT, com os professores Eduardo Guimarães, cuja intervenção estava voltada para a textualidade, Lauro Gomes, que atuava na linha dos trabalhos de argumentação na perspectiva de Ducrot, Márcia Homero, representando a frente de pesquisas na perspectiva de Culioli, e Valdir Flores, representante da linha dedicada à abordagem segundo princípios da obra

⁴ Cf. DIAS, Luiz Francisco (2023).

de Benveniste. Nesta mesa, participei como representante da frente dedicada a uma perspectiva mais voltada à gramática.

Na ocasião, discutimos metodologias de trabalho que mobilizávamos em nossas pesquisas. Como eu estava na função de coordenador do GT, organizei esse dossiê especial, no qual se encontram os cinco textos dessas palestras nessa mesa-redonda e cuja leitura permite melhor compreender o que distingue essas cinco abordagens da área dos estudos da Enunciação. Considero esta uma contribuição relevante do GT para os estudos linguísticos em geral, e para os estudos enunciativos em específico, para entendermos esse grande campo e suas variáveis.

Entrevistadores(as): O que de modo geral caracterizaria as especificidades dessas abordagens enunciativas de outras próprias do campo de saber linguístico, como a Semântica? Como elas se firmaram, se estabeleceram no Brasil?

Luiz Francisco Dias: Seria interessante retomarmos alguns textos importantes que demarcam um lugar para a área da Enunciação. Desde os anos 40, dispomos de estudos sobre a *dèixis*, que chamamos de embreadores da linguagem, nos quais ficou demonstrado não ser possível nem adequado considerarmos todos os signos da língua da mesma forma. Não se pode tratar como equivalentes termos como *árvore* e *você*. Entre substantivos e pronomes há uma diferença muito grande. O termo *árvore*, por exemplo, como um signo composto de significante e significado, para retomarmos a definição de Ferdinand de Saussure, não equivale ao termo *você*, porque substantivos como *árvore* remetem a um referente, ainda que genérico, do mundo. Já o termo *você*, não. Dessa palavra não se sabe exatamente qual é o seu referente, porque ele deriva da interlocução, ou seja, só se pode precisá-lo no seu uso em cada enunciação. São termos cujo referente varia a cada enunciação.

Saussure, em sua definição genérica dos signos, não se propôs a investigar essa diferença. Vários linguistas, posteriormente, como Charles Bally, Roman Jakobson e Émile Benveniste, perceberam que era necessária uma distinção mais precisa, ao observarem categorias linguísticas como os pronomes pessoais (*eu, você, ele...*), como os advérbios de tempo e de lugar (*ontem, hoje, aqui, lá*), cujo referente preciso, seu significado, só podiam ser estabelecidos se considerados e analisados no âmbito de sua enunciação, no seu uso preciso, no ato de produção do enunciado. E somente podemos

explicar fenômenos como este se considerarmos a passagem da língua para o discurso, da forma para o uso, e com este o de sua inscrição histórica, social.

Nesse cenário de debates, Ducrot provocou uma grande discussão entre a diferença da lógica *na* linguagem e da lógica *da* linguagem. Isto é, o que a semântica das condições de verdade faz é aplicar uma lógica à linguagem que é externa à linguagem. Assume-se uma lógica pronta e observa-se como a linguagem funciona em relação a ela. Ducrot afirmou que era necessário buscar uma lógica *da* linguagem, que lhe fosse própria. Nessa busca, ele afirma que a lógica não resulta apenas das formas linguísticas, como é o caso do *mas* cuja função e valor semântico não se explicam somente pela relação entre as formas. Um exemplo disso é o enunciado *Está chovendo muito, mas eu vou sair*. Esta sentença não pode ser explicada pela relação entre *está chovendo muito* e *eu vou sair*. O *mas* é uma partícula de contraposição, que determina que a primeira ideia é contrária à segunda. Portanto, o *mas* é efetivamente adversativo. No entanto, a forma adversativa da construção *está chovendo muito* é a construção *está chovendo pouco* e a forma adversativa de *vou sair* é *não vou sair*, o que nos leva a concluir que não há adversidade entre as duas ideias colocadas em relação neste enunciado, logo, não poderíamos chamar o *mas* simplesmente de conjunção adversativa.

É por essa razão que é preciso buscar uma lógica própria da linguagem. Essa lógica é aquela que funciona nos enunciados. Entre um enunciado A: *está chovendo muito* e um enunciado C: *eu vou sair*, emerge um enunciado B: *em caso de chuva forte não saia*. Entre estruturas como *Não saia* e *Eu vou sair*, aí, sim, temos uma relação adversativa. A conjunção adversativa *mas*, na verdade, liga semanticamente *Eu vou sair* com *Não saia*, que equivaleria a uma voz social, que recomenda não sair no caso de chuvas fortes. Essa ideia consensual, de determinação, é um terceiro enunciado não explícito, que não se encontra na relação entre as duas sentenças expressas no enunciado, mas na relação desses enunciados com a enunciação.

Dessa forma, as contribuições desses pesquisadores dedicados a estudar fenômenos que só eram passíveis de explicação se se observasse a enunciação, produziram progressivamente um conjunto de críticas ao estruturalismo e ao formalismo derivados das ideias de Saussure, incluindo Charles Bally, que afirmou que Saussure não se ocupou do *modus*, mas sim do *dictus*, ou seja, ele trabalhou com o dito mas não com as maneiras como esse dito se realiza, se manifesta em sua atualização, ao que Bally chamou de enunciação.

Então, essas ideias foram compartilhadas e fomentadas quase simultaneamente por diferentes autores especialmente ao longo da segunda metade do século XX, quando muitos deles começaram a discutir fenômenos da linguagem e de suas relações, cuja racionalidade não viria propriamente de um estudo das formas em si, mas de um estudo dedicado ao dizer em que essas formas são atualizadas. É por essa razão que se afirma que a Enunciação é o estudo do dizer as formas, é o estudo do enunciar o enunciado. Quando emitimos o enunciado, marcas dessa enunciação ficam inscritas nas formas do enunciado. Por isso é preciso saber olhar o enunciado para compreendê-lo segundo uma racionalidade distinta. É preciso conceber que a enunciação das formas da língua é capaz de articular, aproximar, formar enunciados que não são semanticamente aproximáveis, estruturáveis por si só.

Segundo Ducrot, essa racionalidade é a mesma da Argumentação, que implica que na produção do enunciado sempre há uma direção argumentativa. Por essa razão, Ducrot vai afirmar que a principal finalidade da enunciação é a argumentação, o que justificaria, portanto, a necessidade de estudarmos a Enunciação para melhor compreendermos a Argumentação, embora ele mude de ideia quanto a isso posteriormente.

Assim, há várias maneiras de explicar a significação e de fazer semântica, e que se distanciam da Semântica Formal, e de sua abordagem clássica herdada da filosofia grega antiga, de Platão e Aristóteles. Uma delas, é a assumida pela Semântica da Enunciação, que tem por compromisso explicar a língua, sem limitar a explicação da significação a uma lógica formal fixa de sua estrutura ou, no outro extremo, a uma manifestação individual, resultante da intenção de um indivíduo, como próprio da Pragmática.

Entrevistadores(as): No exemplo que mencionou, podemos aplicar parcialmente uma máxima de outro campo, e afirmar que a ordem dos termos ou das sentenças também atua na calibragem semântica do que é enunciado graças a articulação promovida pelo *mas*. Se, ao invés de *Está chovendo muito, mas eu vou sair*, dissermos *Vou sair, mas está chovendo muito*, a orientação argumentativa do *mas* parece conduzir ao sentido de incerteza quanto à decisão enunciada, no caso do segundo enunciado, e de certeza no caso do primeiro enunciado.

Luiz Francisco Dias: Exatamente. Há um exemplo interessante de uso do *mas* que vi em um adesivo em um carro cujo proprietário era provavelmente evangélico. A frase contida

no adesivo era *Mas a Deus tudo é possível*. Esta é uma frase que se coloca frontalmente contrária a muitas outras como *É impossível irrigar todos os desertos da terra*, *É impossível tornar todas as pessoas felizes*. Essa frase se contrapõe a todas as frases em que se enuncia que algo é impossível. Neste caso, Ducrot tem toda razão em dizer que há uma contraposição manifesta neste primeiro enunciado que mencionei como exemplo. E essa contraposição marcada por meio do emprego do *mas* é responsável por marcar essa adversidade em relação ao que *é possível* refere-se a todo o conjunto de frases que dizemos no dia a dia em que expressamos tudo o que não é possível. Nessa frase *Mas a Deus tudo é possível*, o que vemos enunciado é o argumento que, sem ignorar tudo o que enunciamos como não sendo possível, e partindo desse dado, afirma o seu contrário, de modo a argumentar para convencer as pessoas da ideia de abraçar Cristo, de ir para Igreja, de se tornar evangélico, e com isso fazer do impossível um possível. Esse *mas* é o indício dessa argumentação que parte de um conhecimento compartilhado. O enunciador da frase diz “Você que está aí me lendo agora e que está cheio de impossíveis na cabeça, para Deus tudo é possível, e você pode encontrar Deus em nossa fé, em nossa igreja.”. O que esse enunciador faz é colocar em evidência argumentos sociais cotidianos, como forma de convencer as pessoas a irem para a Igreja, a se converterem.

Entrevistadores(as): Considerando essas especificidades dos usos da língua e seu impacto em diferentes dimensões de nossa vida, é importante pra todos nós conhecermos esse funcionamento, e a escola e o ensino são espaços e meios. Que contribuições o professor destacaria dos estudos enunciativos para o ensino de língua hoje?

Luiz Francisco Dias: São várias. Uma das contribuições, de ordem teórica, pode ser exemplificada com duas teses que orientei voltadas para o ensino, nas quais nos propusemos, mais especificamente, a reflexão sobre o conceito de redes enunciativas. A ideia é se valer de um enunciado que tenhamos coletado e trabalharmos algumas modificações de sua formulação, fazendo alterações de posição dos termos empregados, chamando atenção para as diferentes funções gramaticais que cada um deles exerce na frase. Quando mudamos os lugares que os termos ocupam na oração, alterando a posição do sujeito, do verbo e do objeto, ou tornando um objeto sujeito, mostramos aos alunos que essas posições não são aleatórias e sem consequência. Elas são lugares sintáticos e a alteração das formas linguísticas que os ocupam produz certos efeitos de sentido. Assim o aluno, ao mesmo tempo, tem de lidar com a significação de uma forma linguística e

conhece as formas de estruturação dos termos da linguagem. Uma tese que orientei mais recentemente, defendida em maio de 2022⁵, mostra como podemos trabalhar na escola com o tempo verbal mais difícil, o futuro do pretérito. Ao trabalhar com redes enunciativas, em exercícios do material didático, podemos mostrar ao aluno o quanto esse modo de analisar fenômenos linguísticos é mais eficaz se comparado ao dos exercícios tradicionais da gramática normativa escolar. É possível enfatizar a complexidade dos processos e didatizar o acesso a esse funcionamento, de modo mais significativo, experimentando com o aluno em sala de aula, graças à concepção de redes enunciativas, que é uma metodologia de trabalho proveniente da Semântica da Enunciação.

No dossiê a que me referi anteriormente, que saiu no primeiro semestre de 2022, há um capítulo que se chama *Redes Enunciativas*⁶, em que explico o que é *uberização*. Com essa metodologia se explica não só o significado das palavras, mas também os processos de formação de grupos nominais, que constituem o sujeito e o predicado de orações, discute-se processos de atribuição de prefixos e sufixos, os modos de caracterização de substantivos e adjetivos etc. Trata-se de uma forma de levar o conhecimento da enunciação de uma forma didática.

Entrevistadores(as): O que o motivou a refletir sobre esse aspecto e a conceber esse conceito metodológico de redes enunciativas com o qual tem trabalhado recentemente?

Luiz Francisco Dias: A concepção se deu enquanto estudava e fazia a crítica de exemplos das gramáticas tradicionais, normativas e descritivas, comparando-as. Na gramática do Perini (1995), os exemplos de enunciados são todos construídos por ele mesmo. No caso das gramáticas tradicionais normativas e escolares, os exemplos são retirados de obras literárias, de grandes escritores, com base na ideia de que a melhor versão da língua se encontra nesse acervo, daí a recomendação a partir da qual baseiam suas escolhas: “mirem-se no exemplo dos grandes escritores”. O uso dos exemplos na gramática de Perini visa a uma demonstração da regra. Nessa visão há uma regra a se explicar então se formula um exemplo que permita explicar a regra. Não é preciso buscar um enunciado real, efetivo, em algum corpus disponível. Já para os gramáticos

⁵ RODRIGUES, Claudia Ribeiro. **Ensino da temporalidade verbal na perspectiva da semântica da enunciação:** propostas teórico-metodológicas para o trabalho com Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental. 2022. Tese (Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Cf. Dias (2023).

funcionalistas, o movimento deve ser o inverso, porque concebem que a linguagem tem uma função, logo, o gramático nunca deve inventar exemplos ou buscá-los aleatoriamente. Ele precisa se valer de uma metodologia científica de construção de *corpus*, tal como na gramática de Castilho (2010) e Moura Neves (2000), nas quais todos os exemplos provém do português falado da norma culta coletado e disponível em *corpus* de dados.

Ao comparar seus modos de constituir os exemplos e formular as regras, fiz uma leitura crítica em relação a cada um deles, observando que cada uma dessas abordagens tem suas vantagens e seus problemas, o que me levou a idealizar uma concepção de exemplo-colmeia, ou seja, de conjuntos de exemplos em que se mesclam dados coletados e criados. Solidificando essa ideia, substitui o conceito de exemplo-colmeia para o de *redes enunciativas*. Por essa razão, as redes enunciativas não têm o fechamento que tem certos *corpora* com parâmetros muito estritos. Pode-se selecionar enunciados de todas as fontes, como de redes sociais, desde que haja pertinência para o referencial em questão. Conceitualmente, as redes enunciativas nada mais são do que um quadro onde coloco enunciados, nunca somente um, e os enunciados vão ser analisados para explicar um dado fenômeno, para o que os alunos podem pesquisar na *internet*, e com isso irem complementando esses exemplos. A relação de pertinência do referencial é justamente o que determina quais exemplos são suficientemente interessantes para explicar o fenômeno, tal como demonstro no artigo a que já fiz referência.

No último relatório para renovação de minha bolsa CNPQ, propus-me a trabalhar com uma questão muito difícil, como o de exemplos como *A porta dormiu aberta*. Muitos dizem que é uma metáfora. No entanto, penso que é uma articulação de outra ordem. Trata-se de formulação semelhante a *Eu cortei o cabelo*, na qual não é a pessoa que cortou o cabelo, mas sim que teve o seu cabelo cortado. É essa a ideia que nos interessa: a de que as palavras não simplesmente se conectam de acordo com a estrutura de uma frase, elas se articulam pela enunciação. Por isso, mais recentemente tenho trabalhado com a diferença entre conexão e articulação. Assim podemos enunciar essas frases sem nos prendermos ao sentido literal do que enunciamos, dado que nestes casos prestamos atenção na dimensão enunciativa. O conceito de articulação passa por essa dimensão para explicar a enunciação, o que não é possível pelo conceito de conexão. Não é explicando esse tipo de fenômeno como metáfora que se resolve a questão. É pela discussão do plano da organicidade dos termos, que é o da forma, em sua relação com o plano da enunciação, que se pode dar uma resposta mais adequada a isso. Com a bolsa renovada, nos próximos

três anos vou trabalhar com os fenômenos relacionados àqueles aos quais Ducrot se interessou, mas não necessariamente do mesmo modo como ele os abordou, aproximando-me mais de uma Semântica Histórica da Enunciação, tal como desenvolvida por Eduardo Guimarães, de modo a desenvolver o conceito de *articulação das formas*.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba de. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, Luiz Francisco. Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo linguístico no Brasil. 1995. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas. 1995. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/97464>. Acesso em 10 de dez. 2024.

DIAS, Luiz Francisco. Língua e nacionalidade no Brasil na primeira metade do século XX. **Polifonia**, [S. l.], v. 22, n. 31, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/3120>. Acesso em: 10 de dez. 2024.

DIAS, Luiz Francisco. Metodologias de pesquisa nos estudos enunciativos. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 113–115, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673671>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DIAS, Luiz Francisco. Redes enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 155–172, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20396/lil.v26i51.8673668>.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2002.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e Linguagem**. 15ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

OSAKABE, Haquira. **Argumentação e Discurso político**. São Paulo: Martins Fonte, 1979.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

Como referenciar esta entrevista:

DIAS, Luiz Francisco. Semântica e estudos enunciativos. [Entrevista concedida a] Ana Carolina de Sousa Araújo, Carolina Peternela Amanda Perlotti, Bruna Gargarella Peres, Luzmara Curcino e Moisés Almada Melo de Paiva. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 141-156, 2024.